

Um roteiro de pesquisa: algumas considerações sobre o Movimento de Educação de Base

Sara Oliveira Farias¹

Resumo: O artigo tem como objetivo apresentar algumas contribuições de pesquisa e estudo sobre o Movimento de Educação de Base-MEB, sobretudo a partir da análise do material como relatórios anuais, cartilha, canções, produzidas pela equipe do MEB, no Brasil dos anos de 1960. Nesse sentido, o artigo centraliza sua análise nos discursos e práticas do movimento.

Palavras-chave: MEB, educação, política, religião

A Research Script: Some Considerations About the Basic Education Movement

Abstract: This article has the aim to present some contributions of the research and study about the Basic Education Movement – MEB, especially through the analysis of materials such as annual reports, booklets and songs. All of them were made by the MEB staff in Brazil during the decade of 1960. In this sense, the present article centralises its analysis on the speeches and practices of the basic education movement.

Keywords: Basic education movement – MEB, education, politics, religion.

Artigo recebido em 02/04/2018 e aprovado em 26/05/2018.

O MEB: educação de base

Este artigo é resultado do projeto de pesquisa Movimento de Educação de Base-MEB: ação e luta (1961-1966), pesquisa que tem como objetivo analisar a trajetória de um dos mais antigos movimentos populares dos anos de 1960, no Brasil contemporâneo. Estudar o período recente da nossa História, campo denominado por muitos estudiosos em História do Tempo Presente cada vez mais tem atraído pesquisadores e jovens pesquisadores para pensar a relação/tensão entre passado e presente. O Tempo Presente, por excelência, tem várias vozes e memórias a se discutir sobre passado e presente.

Nessa perspectiva é preciso situar o objeto dessa pesquisa. Nas décadas de 1960 e 1970 na América Latina pode-se identificar movimentos populares que tinham como foco a educação e a cultura brasileira, o MEB pode ser considerado um desses movimentos. O Movimento de Educação Básica foi criado oficialmente em 1961, no governo do Presidente da República, Jânio Quadros pela Conferência Nacional dos bispos (CNBB). Naquele período, o MEB tinha como objetivo a formação integral do homem, para sua promoção, entendendo como educação um processo global não se limitando apenas à instrução, mas formando “na ação, ajudando o homem a promover-se.”^{II}

O programa de educação de base tinha como referência as escolas radiofônicas, o ato de educar ocorria no contexto de uma educação não formal, portanto, não somente nas salas de aulas da escola, mas acontecia nas associações comunitárias, sindicatos, igrejas e outros lugares/espacos menos convencional como casas de farinha, locais onde os trabalhadores e trabalhadoras trabalhavam e poderiam utilizar como espaço para aprender a ler, todos esses lugares inseridos na comunidade. O MEB atuou nas regiões periféricas do Brasil, sobretudo nas regiões norte e nordeste, nos anos de 1960. Seu objetivo ultrapassava a ideia de alfabetizar a população rural e pobre do país, conseguiu ir mais além, tendo como objetivo primordial formar o homem em toda sua integralidade. O homem e a mulher do campo aprendiam a ler o mundo, a compreender sua própria realidade com o material didático produzido pela direção nacional do movimento, mas também pelas lideranças locais.

O discurso em favor da dignidade do homem do campo constituiu um dos pilares do MEB o que é bastante compreensível se analisarmos o cenário político e social do Brasil que assinalava desde a segunda metade dos anos de 1950 um quadro de movimentos que lutavam por direitos, entre eles o direito a posse da terra. Os tempos iniciais do MEB, período de 1961 a 1966 tentavam discutir e implementar em algumas regiões do Brasil o conceito de Educação de Base, definido pela UNESCO como:

“o mínimo de educação que tem por fim ajudar as criança e os adultos, privado da vantagem de uma educação escolar, a compreenderem os problemas do meio em que vivem, a fazerem uma ideia dos seus direitos e deveres, tanto coletivos como individuais, e a participarem mais eficazmente do progresso econômico e social da comunidade da qual fazem parte. Ela tem, igualmente, um trabalho de formação que visa a despertar a consciência e a dignidade da pessoa humana e a desenvolver o sentimento de solidariedade cultural e moral da humanidade.”^{III}

O MEB considerou “a educação que forma o homem na sua eminente dignidade de pessoa. Daí decorre, como condição primeira o direito de viver humanamente.”^{IV} O básico pode ser compreendido não apenas como o primeiro, inicial ou a alfabetização para a instrução, mas como ação radical para o ser humano, no sentido de que tome a direção de sua vida enquanto sujeito, consciente sobretudo de seus direitos.

UM ROTEIRO DE PESQUISA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE

SARA OLIVEIRA FARIAS

Assim, a partir de alguns materiais coletados como o conjunto didático “Saber é Viver”, “Mutirão” pode-se pensar como foi significativo o trabalho do MEB pelo Brasil. Primeiro, porque ao alfabetizar a população rural, proporcionava conhecer e compreender o mundo que vivia, encorajando-a a seguir adiante, seguir questionando, problematizando a sua condição de população pobre, desassistida e, sobretudo rompendo a naturalização da pobreza que passava a partir desse método de ensino, historicizar o conjunto de causas que levavam àquela situação. E como atingir um maior número de pessoas, uma vez que os moradores da zona rural superavam e muito o contingente urbano nos anos de 1960, e 1970. A alternativa encontrada, baseada em experiências existentes desde os anos de 1950 era o rádio.

Dessa forma, os livros de leitura e ou cartilhas produzidas pela equipe do MEB e aplicados nas mais variadas comunidades do Brasil proporcionaram a homens, mulheres e jovens uma leitura peculiar do mundo. Através dos programas de rádio que eram baseados em sua maioria nas lições dos livros didáticos, estes foram transmitidos por rádios em parceria com a Igreja Católica.

Na referida pesquisa o MEB foi pensado a partir de sua articulação com as práticas sindicais em algumas localidades do Brasil foi analisado na pesquisa como lugar de embate político, como produtor de significados^V. Ler o mundo através das lições ensinadas por lideranças do movimento e monitores possibilitava ao sujeito se colocar no mundo ou nas palavras de Paulo Freire, o educando aprendia a estar no mundo.^{VI} Assim, o sujeito se reconhecia enquanto dono de sua própria história como revela uma das muitas lições existentes nos livros de leitura utilizado pela equipe do MEB:

VIVER É LUTAR^{VII}

17ª. lição

Pedro ainda entendeu outras coisas
O povo ignora que é explorado
O povo ignora seus direitos e deveres
Seus direitos não são respeitados.
E as leis que existem não são cumpridas.
O povo precisa conhecer seus direitos e deveres.
O povo precisa ficar esclarecido.
Ficar esclarecido para mudar o Brasil

As lições das cartilhas quase sempre eram enfáticas, diretas e objetivas quando se tratava de narrar a situação econômica e social dos trabalhadores do Brasil. A desnaturalização da miséria e das condições de vida e de trabalho parece ter sido um dos objetivos das cartilhas produzidas com o propósito de alfabetizar jovens e adultos, respaldado na própria realidade do educando. Através dessa metodologia e filosofia de trabalho, o MEB educou muitos alunos e alunas nas regiões nordeste, norte e centro oeste do Brasil. E, um estudo mais aprofundado do conjunto didático utilizado, juntamente com documentação produzida pelo MEB como também o uso da metodologia da história oral é o caminho viável para que estudos e pesquisas nas áreas das Ciências Humanas cresçam e revelem os múltiplos aspectos do MEB tanto para o âmbito da Educação como também para uma história da religião, uma história da política no Brasil contemporâneo, os caminhos são variados. Selecionamos a seguir, algumas contribuições teóricas e metodológicas que podem ser utilizadas por aqueles que possuem interesse sobre o Movimento de Educação de Base, no Brasil dos anos de 1960.

O diálogo teórico

A análise sobre as produções do MEB, em certa medida nos conduz a pensar também a questão do trabalho e trabalhadores, centralizando sua prática em momento posterior a 1960, a assessoria dos sindicatos rurais. O sindicalismo rural é tema bastante utilizado nas diversas áreas das Ciências Humanas e Sociais e, inúmeros são os autores que vem trabalhando a décadas com a temática. Essa amplitude de trabalhos demonstra as várias possibilidades de análise para a questão dos sindicatos rurais e, logicamente para a questão da terra, da reforma agrária, dos direitos dos trabalhadores rurais, entre outros temas que se interconectam com nosso objeto de investigação. Nesse sentido, é imprescindível o diálogo com alguns autores a exemplo de Leonilde Medeiros^{VIII} uma das referências nas discussões teóricas sobre o camponês como sujeito político. Medeiros discute entre outros temas a historicização desse sujeito sobretudo no período que cobre os anos de 1950 a 1980, bem como analisa a categoria camponato, centralizando sua importância na formação social do Brasil. Essa análise contribuiu para o estudo sobre o MEB, pois compreendendo a trajetória do camponês ou de uma forma mais ampla, o camponato nos possibilita situar historicamente o MEB. Outro teórico que podemos não deixar de mencionar pela sua trajetória acadêmica é Clifford Welch^{IX} um dos expoentes nos trabalhos sobre pesquisas que centralizam as mobilizações dos trabalhadores rurais no Brasil, mas sobretudo nos municípios paulistas (São José do Rio Preto, Santa Fé do Sul, na região de Alta Mogiana, entre outros). Seus estudos cobrem em parte as décadas de 1920 e 1960, sobretudo no período anterior ao golpe militar de 1964. Apoiado em vasta documentação, o estudo de Welch apresenta um panorama das transformações ocorridas nas condições de vida dos trabalhadores de cafezais e canaviais paulistas como também suas formas de organização e representação, aspecto que contribui de forma significativa para nosso estudo como também a ação da Igreja Católica no meio rural.

No projeto inicial e que resultou nesse artigo é fundamental afirmar que a produção discursiva sobre Igreja, política, prática sindical e trabalho terá como aporte teórico metodológico também os estudos sobre memória. Pode-se pensar nos relatos orais que constituem a nomeada história oral, como metodologia de análise e pesquisa que no final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980 foi introduzida no Brasil e ampliou as possibilidades para a pesquisa na área da História. Desse período até o momento atual, as pesquisas que utilizam esta metodologia avançaram, revelando trabalhos e pesquisas utilizadas por professores e alunos nos cursos de História, sobretudo nos Programas de Pós-Graduação, sem registrar, obviamente os cursos de mestrado e Doutorado de outras áreas como a Sociologia, Educação, Antropologia, Literatura, Geografia, entre outras.

A memória passou a se constituir como objeto de análise dos estudiosos que começaram a trabalhar com a metodologia da história oral. Assim, as contribuições e estudos de autores como Henri Bergson^X; Maurice Halbwachs^{XI}; Paul Thompson^{XII}; Michel Pollack^{XIII}, alguns dos autores que influenciaram pesquisadores no Brasil como Marieta Ferreira Moraes, Janáina Amado^{XIV}, Verena Alberti,^{XV} Antonio Montenegro^{XVI} só para citar alguns, responsáveis em certa medida pela profissionalização da história oral no meio acadêmico brasileiro.

Nessa perspectiva, a maioria dos estudos sobre memória, história oral considera o relato oral de memória permeado pela atividade incessante do presente e foi (re) significado através de uma leitura atualizada do passado, sendo, portanto, uma construção e que opera passado e presente. Esta formulação teórica foi elaborada pelo sociólogo francês Maurice Halbwachs^{XVII} nos anos de 1950 e muito utilizada pelos

UM ROTEIRO DE PESQUISA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE

SARA OLIVEIRA FARIAS

historiadores. A construção da nossa pesquisa foi conduzida pelo conceito trazido por Halbwachs. Ao entrevistar ex-lideranças do MEB, ex-alunos se podem perceber os caminhos percorridos pela memória, as lembranças ressignificando o passado através da presença incessante do presente, os esquecimentos, os silêncios, as emoções, as lições e o aprendizado, ou seja as narrativas produzidas desse encontro com a memória marcaram de forma significativa as entrevistas realizadas.

Halbwachs centralizou a reconstrução da memória como um dos aspectos fundamentais de uma teoria da memória. Esta formulação está presente em grande parte dos estudos que são elaborados atualmente na academia e no qual me incluo. Trabalhar alguns aspectos da memória, incluindo sua seletividade, a tensão esquecer/lembrar, elementos, a meu ver necessários para iniciar um projeto de pesquisa com relatos orais. Além disso, as características da memória como sua distorção, falta de veracidade, segundo os críticos podem ser pensadas como uma perspectiva para a pesquisa, como afirma a historiadora Marieta de Moraes Ferreira, uma das pioneiras no Brasil nos estudos e pesquisas utilizando a história oral:

Essa perspectiva que explora as relações entre memória e história possibilitou uma abertura para a aceitação do valor dos testemunhos diretos, ao neutralizar as tradicionais críticas e reconhecer que a subjetividade, as distorções dos depoimentos e a falta de veracidade a eles imputada podem ser encaradas de uma nova maneira, não como uma desqualificação, mas como uma fonte adicional de pesquisa.^{XVIII} Assim, a história com fontes orais rompe de certa forma com a perspectiva de uma história totalmente verdadeira, óbvia e sem surpresas. Estas características abalam a certeza, creio que de alguns poucos historiadores que ainda permanecem com essa visão sobre a História. Associado a estas características pode-se pensar que a partir dos relatos orais de memória reconstruímos um passado relativamente recente da história de um país. No que diz respeito ao MEB foi possível compreender as tramas que tecem uma história dos sujeitos sobre trabalho, movimentos sociais, política e religiosidade no contexto de uma temporalidade considerada recente, a segunda metade do século XX.

Não sem propósito a história oral encontrou na História do Tempo Presente um campo fértil para seu desenvolvimento. Trabalhar, analisar e relatar depoimentos de homens e mulheres que contam suas experiências de vida tornou-se um caminho viável para a prática da pesquisa em história nos últimos cinquenta anos, retratando temas como o período militar, a construção de sindicatos na cidade e no campo, igreja católica e política, entre os mais diversos temas. Portanto, a História oral pode ser pensada também como um instrumento para recuperar memórias e experiências, histórias vividas, e, sendo facilitado por uma história definida como a história do tempo presente, estatuto adquirido, sobretudo pela “emergência da história do século XX, portanto portadora da singularidade de conviver com testemunhos vivos que sob certo aspecto condicionam o trabalho do historiador.”^{XIX}

Os depoimentos orais tornaram-se centrais nos estudos do presente, no qual está pesquisa pode ser inserida, através deles se percorreu o caminho da memória, buscando entender as interdições, as nuances, o caráter subjetivo das narrativas contadas, (re) atualizando o passado através das necessidades do presente. Imputado assim, aos trabalhos com fontes orais uma de suas singularidades: o caráter subjetivo das histórias contadas e organizadas em formas de narrativas. Assim, procurou-se compreender a memória não como algo isolado, distante no presente, mas como construção e (re) construção do passado. Nesse sentido, a memória é complexa, formando um verdadeiro mosaico das relações sociais e culturais do sujeito. Os depoimentos orais de trabalhadores, sindicalistas, membros da Igreja e do MEB em certa medida delinearam como o MEB assumiu por vezes posturas conservadoras, mas também contribuiu de

UM ROTEIRO DE PESQUISA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE

SARA OLIVEIRA FARIAS

maneira significativa para que a população do campo construísse sua própria trajetória, reivindicando direitos, denunciando as perigosas condições do trabalho, não sem propósito o regime militar reprimiu duramente as atividades consideradas mais subversivas no pós 1964.

Sobre este aspecto é emblemático o depoimento do professor Osmar Fávero que participou da Diretoria Nacional e também realizou treinamentos com equipes pelo Brasil, incluindo a Bahia. que afirmou “fomos chamados no DOPS para prestar esclarecimentos sobre as fotografias e, conseqüentemente sobre os textos que criávamos para as cartilhas....”^{XX} Fávero também citou outros professores, intelectuais que trabalhavam em prol do movimento, um deles foi o Antropólogo Carlos Brandão. Relatando suas experiências e vivências sobre o MEB, Brandão afirmou:

“ Eram os anos sessenta. Sonhávamos com a felicidade repartida entre todas e todos. Lutávamos para transformar tudo: o coração e a mente das pessoas, a força criadora do povo; a sociedade perversa, injusta, excludente, desigual. Nosso horizonte era o de um outro mundo. Uma outra sociedade e, nela, outras diversas culturas livres e humanamente criativas e criadoras....

E talvez naqueles anos, antes e durante os “anos de fogo” da ditadura militar, aprendemos a viver nossas lutas de busca da liberdade ou de resistência, de viver a luta também como vivência coletiva. E por isso fazíamos teatro, pintura, cinema, poesia e música.

E cantávamos. E talvez nunca como naqueles anos se cantou tanto, e com uma tamanha criatividade e uma tão grande coragem. Também gostávamos muito do “Luar do Sertão” e de “Saudades da Minha Terra”. Mas ao lado destas e de tantas outras canções tradicionais, aprendemos, entre camponeses, estudantes e artistas, a inventar outras letras para as nossas músicas, pois queríamos traduzir e cantar outros desejos e outros mundos...”^{XXI}

A experiência de trabalhar com o MEB parece ter sido uma aprendizagem para todos os envolvidos. Através das cartilhas, livros, boletins, mas também da arte foi possível traduzir aquela realidade dos homens e mulheres do campo. Como afirmou uma das lideranças do MEB em Goiás:

“ A fecunda troca de conhecimentos e saberes, a problematização como forma de apreensão crítica da realidade, as perspectivas de esperança, na luta por uma sociedade igualitária, conferem ao MEB, com a originalidade de seu modelo pedagógico, um papel relevante na construção da Educação Popular, em nosso país.”^{XXII}

Nessa perspectiva, a estratégia pedagógica para apreender de forma crítica aquela realidade do Brasil parece ter sido ampla. Foram criadas canções por artistas, estudantes, militantes da ação popular^{XXIII} entre outros, quase sempre as canções traduziam a situação precária que vivia os trabalhadores rurais e a população das regiões mais pobres e carentes do país:

Xote do Arroz^{XXIV}

Odilon Pinto (Vale do Pindaré-Mirim, povoado Santa Ines- MA,1970)

Não, não vendo não

Por esse preço meu arroz não vendo não

Não, não vendo não

Por esse preço não vendo não

Negocieie o meu arroz

Vendi na palha pra pagar depois

Ao barraqueiro eu vou falar

Se não der um preço justo

Vou buscar um melhor custo

UM ROTEIRO DE PESQUISA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE

SARA OLIVEIRA FARIAS

Mas ninguém vai me explorar.

Meu Brasil (Sambinha)^{xxv}

Betinha (Goiânia, 1962)

Meu Brasil analfabeto

Meu Brasil de pés descalços

Meu Brasil sofredor

Meu Brasil sem rumo certo

Sem ter quem guie os seus passos

Defendendo o seu valor

Meu Brasil a juventude

Fará com que a coisa mude

Pra que todos tenham pão

Levará você pra frente

Convocando toda a gente

Pra fazer revolução

(Refrão)

VIRÁ O HOMEM DO CAMPO

VIRÁ O HOMEM DA CIDADE

VIRÁ O OPERÁRIO, O CAMPONÊS E O ESTUDANTE

JUNTOS PELA LIBERDADE

A primeira canção, xote do arroz foi inspirada no episódio onde um dos líderes rurais do Maranhão, Manoel da Conceição Santos^{xxvi} liderou nos anos de 1960 os camponeses na luta para não venderem o arroz na palha.^{xxvii} A canção retrata a exploração dos trabalhadores rurais e de como estes reivindicavam e lutavam por melhores condições de trabalho a fim de que o preço para venda de seus produtos gerassem algum lucro para aqueles que de fato plantavam e colhiam o produto. A consciência do sujeito diante daquela realidade de exploração parecia ter sido central na canção.

O samba da segunda canção conhecido pelo MEB como sambinha da Betinha^{xxviii} geralmente era cantado nos encontros, congressos e atividades dos núcleos de cultura e educação popular como o MEB, CPC, JUC e AP. O “sambinha” tornou-se o hino do grupo e foi apresentado em teatros, locais públicos, no período entre 1962-1965, anos considerados áureos pelo MEB. A canção é um hino a liberdade, aos direitos, a utopia de um Brasil mais igualitário, uma crítica profunda a situação do país, não sem propósito a partir de 1964, o movimento foi duramente criticado e sofreu repressões por parte do governo, da Igreja mais conservadora e de alguns setores da sociedade.

As canções juntamente com o conjunto didático e os relatórios anuais produzidos e utilizados pela equipe do MEB tornam-se fontes de pesquisa significativas para o estudo de um Brasil contemporâneo que revelam lutas, práticas de determinados segmentos da população pobre do Brasil, sobretudo das zonas rurais do país, portanto abrem possibilidades de investigação para uma História política do Tempo Presente, mas também para o estudo da cultura, da educação popular e da Igreja Católica contemporânea.

Notas

¹ Professora Adjunta da graduação e Pós-graduação em História da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Este artigo é resultado do projeto de pesquisa MEB: ação e luta (1961-1966) e contou com o auxílio financeiro do CNPQ, durante o período de 2014-2017 e faz parte da linha de pesquisa “Estudos Regionais: campo e cidade” do Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local da

**UM ROTEIRO DE PESQUISA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O MOVIMENTO DE
EDUCAÇÃO DE BASE
SARA OLIVEIRA FARIAS**

Universidade do Estado da Bahia- UNEB e incorporado no Grupo de Pesquisa da História oral e Memória (CNPq) e também no Grupo de Estudo do Tempo Presente (CNPq)

^{II} MEB. Relatório Anual do Movimento de Educação de Base, 1979, p.4 . Este documento foi gentilmente cedido pelo ex-Arcebispo da Diocese de Amargosa, Dom João Nilton

^{III} MEB. Relatório Anual do Movimento de Educação de Base, 1979. P.7-8

^{IV} MEB em 5 anos.1982, p.22. Este documento foi gentilmente cedido pelo ex-Arcebispo da Diocese de Amargosa, Dom João Nilton.

^V FOUCAULT, Michel. A Ordem do discurso.9ª.ed. São Paulo: Loyola,2003.

^{VI} FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários á prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2010 (coleção leitura)

^{VII} Livro de Leitura “ Viver é Lutar.” Este livro está disponível no acervo do NEDEJA-UFRJ.

^{VIII} MEDEIROS, L. S. Reforma Agrária no Brasil: história e atualidade da luta pela terra. São Paulo: Perseu Abramo, 2003.

^{IX} WELCH, Clifford Andrew. Movimentos sociais no campo até o golpe militar de 1964: A literatura sobre as lutas e resistências dos trabalhadores rurais do século XX. Lutas e Resistências, v. 1, p. 60-75, 2006.

_____ A semente foi plantada: as raízes paulistas do movimento sindical camponês no Brasil, 1924-1964. São Paulo: Expressão Popular,2010.

_____ ; MALAGODI, E. ; CAVALCANTI, Josefa Salette Barbosa ; WANDERLEY, M. N. B. (Orgs.) . História Social do Campesinato: Textos Clássicos Brasileiros. São Paulo: Editora da UNESP, 2009. v. 1

^X BERGSON, Henri. Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 2ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

^{XI} HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

^{XII} THOMPSON, Paul. A voz do passado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

^{XIII} POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p.3-15.

_____. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro., v.5, 1992, p. 200-212.

^{XIV} FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. (orgs). Usos &abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

^{XV} ALBERTI, Verena. História oral: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro, FGV, 1990.

_____ Ouvir contar: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

^{XVI} MONTENEGRO, Antônio. História oral e memória: a cultura popular revisitada. 3ªed. São Paulo: Contexto. 2001.

_____ História, memória e metodologia. São Paulo: Contexto. 2010.

^{XVII} HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Vértice, 1990

^{XVIII} FERREIRA, Marieta de Moraes. “História, tempo presente e história oral. Topoi, Rio de Janeiro, dezembro, 2002, p.321.

^{XIX} FERREIRA, Marieta de Moraes. “História, tempo presente e história oral. Topoi, Rio de Janeiro, dezembro, 2002, p.324.

^{XX} Entrevista Osmar Fávero, 05 abril 2016, Rio de Janeiro.

^{XXI} BRANDÃO, Carlos. “Lutar, Resistir, Cantar” in Cantos da Resistência: Pela preservação da memória contra o esquecimento (Encarte CD- 07 novembro 2015), p.3

^{XXII} BORGES, Alda Maria. “Construir a educação popular: o MEB” in Cantos da Resistência: Pela preservação da memória contra o esquecimento (Encarte CD- 07 novembro 2015), p.5

^{XXIII} A ação Popular- AP, movimento político, criado nos anos1960 a partir de ações, reflexões e práticas de um grupo de militantes da Ação Católica brasileira com objetivos de interferir na realidade social para transformá-la em uma sociedade menos desigual, mais justa e humana.

^{XXIV} Ver CD Cantos da resistência: pela preservação da memória, contra o esquecimento, p.14

^{XXV} Ver CD Cantos da resistência: pela preservação da memória, contra o esquecimento, p.16.

^{XXVI} “Trabalhador rural nascido em 24 julho de 1935, na localidade de Pedra Preta, município de Pirapemas (MA).Manoel da Conceição Santos desponta inicialmente como liderança espontânea à frente de lutas reivindicatórias de sua categoria neste município e se articula com o Movimento de Educação de Base (MEB)....Destacando-se como liderança dos posseiros, assume a linha de frente de suas lutas, é eleito presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do vale do Pindaré Mirim....” Estas informações foram retiradas do encarte do CD- Cantos da Resistência: Pela preservação da memória, contra o esquecimento, p.4

**UM ROTEIRO DE PESQUISA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O MOVIMENTO DE
EDUCAÇÃO DE BASE
SARA OLIVEIRA FARIAS**

^{xxvii} “Manoel da Conceição liderou os camponeses na luta para não venderem o arroz na palha, valorizando o produto de seu trabalho.” Esta informação foi retirada do encarte do CD- Cantos da Resistência... p.14

^{xxviii} “ Elisabeth Hermano- Betinha nasceu em 11 de julho 1938, em Goiânia (GO). Iniciou sua vida política atuando no movimento estudantil, tendo participado nos encontros nacionais da JUC e em vários congressos da UNE. No início dos anos de 1960, interessou-se pela alfabetização de adultos, trabalhando no Movimento de Educação de Base (MEB).....” Estas informações foram retiradas do encarte do CD- Cantos da Resistência: Pela preservação da memória, contra o esquecimento, p.8.

BIBLIOGRAFIA:

- ALBERTI, Verena. História oral: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro, FGV, 1990.
- BERGSON, Henri. Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 2ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.
- FOUCAULT, Michel. A Ordem do discurso. 9ª.ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. (orgs). Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. “História, tempo presente e história oral. Topoi, Rio de Janeiro, dezembro, 2002, p.321.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2010 (coleção leitura)
- MEDEIROS, L. S. Reforma Agrária no Brasil: história e atualidade da luta pela terra. São Paulo: Perseu Abramo, 2003.
- MONTENEGRO, Antônio. História oral e memória: a cultura popular revisitada. 3ª.ed. São Paulo: Contexto. 2001.
- _____. História, memória e metodologia. São Paulo: Contexto. 2010.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p.3-15.
- _____. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro., v.5, 1992, p. 200-212.
- THOMPSON, Paul. A voz do passado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- WELCH, Clifford Andrew. Movimentos sociais no campo até o golpe militar de 1964: A literatura sobre as lutas e resistências dos trabalhadores rurais do século XX. Lutas e Resistências, v. 1, p. 60-75, 2006.
- _____. A semente foi plantada. Josefa Salete Barbosa ; WANDERLEY, M. N. B. (Orgs.) . História Social plantada: as raízes paulistas do movimento sindical camponês no Brasil, 1924-1964. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- _____. ; MALAGODI, E. ; CAVALCANTI do Campesinato: Textos Clássicos Brasileiros. São Paulo: Editora da UNESP, 2009. v. 1.

Fontes documentais:

Escritas:

- MEB. Relatório Anual do Movimento de Educação de Base, 1979.
- MEB em 5 anos. 1982
- Livro de Leitura “ Viver é Lutar.”

**UM ROTEIRO DE PESQUISA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O MOVIMENTO DE
EDUCAÇÃO DE BASE**
SARA OLIVEIRA FARIAS

Sonoras:

- Cantos da Resistência: Pela preservação da memória contra o esquecimento (07 novembro 2015)

Oral:

- Entrevista com Osmar Fávero, professor aposentado da UFRJ e ex-dirigente do MEB-Nacional em 05 abril 2016, na cidade do Rio de Janeiro.